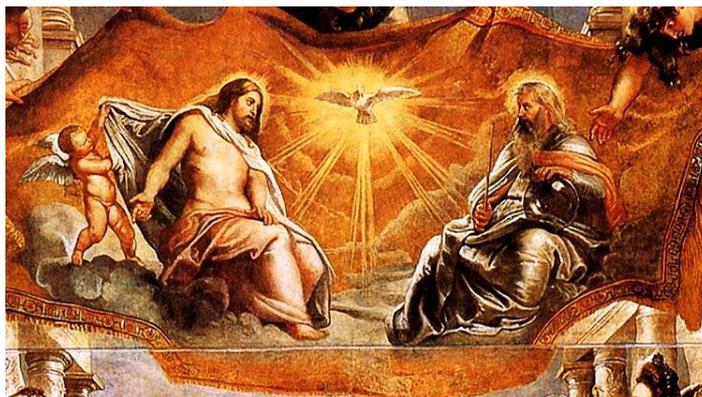


# Solenidade da Santíssima Trindade - Ano C – 15 junho 2025



## Viver a Palavra

DEUS!

Com toda a certeza, esta é a palavra sobre a qual mais se escreveu ao longo da história. Grandes tratados demonstrando a sua existência. Inúmeros escritos que negam quer a necessidade do divino, quer a necessidade de relação com ele. Mas como é Deus em si mesmo? Como é que Deus se relaciona connosco?

É inegável que no mais íntimo do coração humano reside um desejo de plenitude e de transcendência. Na verdade, como nos recorda S. Agostinho, o coração humano é um coração inquieto que não se satisfaz com nada menos do que Deus e é, precisamente assim, que se torna um coração que ama. O nosso coração vive inquieto por Deus e não pode ser doutro modo, ainda que hoje o ser humano procure de tantos modos libertar o homem desta inquietação. Contudo, como afirmou o Papa Bento XVI na homilia da Solenidade da Epifania, a 6 de janeiro de 2012: *«não somos só nós, seres humanos, que vivemos inquietos relativamente a Deus. Também o coração de Deus vive inquieto relativamente ao homem. Deus espera-nos. Anda à nossa procura. Também Ele não descansa enquanto não nos tiver encontrado. O coração de Deus vive inquieto, e foi por isso que se pôs a caminho até junto de nós – até Belém, até ao Calvário, de Jerusalém até à Galileia e aos confins do mundo. Deus vive inquieto connosco!»*.

Este Deus inquieto, que nos ama com amor infinito, que nos criou por amor e por amor nos acompanha nos caminhos da história, revela-se em Jesus Cristo e na força do Espírito Santo dá-nos a conhecer o Seu rosto terno e misericordioso. Deste modo, a Solenidade da Santíssima Trindade é a oportunidade de olharmos o coração de Deus, de entrarmos no Seu mistério de amor e comunhão para nos deixarmos envolver por esta corrente de graça que transforma a vida e o coração humano. A missão dos Apóstolos foi precisamente esta: acolher a inquietação de Deus por cada homem e mulher e levar o próprio Deus ao coração dos homens. Como discípulos missionários, também nós hoje somos chamados a deixar-nos tocar por esta inquietação de Deus, a fim de que o anseio de Deus pelo homem possa ser satisfeito.

Nesta solenidade contemplamos o mistério de Deus como mistério de amor e comunhão: *«tudo o que o Pai tem é meu. Por isso vos disse que Ele [o Espírito Santo] receberá do que é meu e vo-lo anunciará»*. Para compreender os versículos de S. João proclamados no Evangelho desta solenidade, é necessário lê-los no contexto de todo o Evangelho de S. João. Desde os primeiros versículos, no Prólogo, revela-se o desejo de Deus de se comunicar aos homens, revelando-se em Jesus Cristo, a Palavra feita carne pelo poder do Espírito Santo, o Sopro Divino.

Esta comunhão de amor torna-se para nós uma escola na arte de construir e promover a comunhão e a fraternidade. Contemplando o Mistério Trinitário, somos convidados a viver como artífices da unidade e da comunhão, na diversidade e pluralidade própria da nossa condição humana. As nossas famílias, a Igreja, o Mundo tem muito a aprender e crescer na arte de viver em comunhão e estabelecer relações harmoniosas e fraternas. Bem sabemos como a solidão nos pesa e atemoriza! Ao invés, quando estamos com quem nos quer bem, quando acolhemos e somos acolhidos, sentimo-nos bem e felizes, realizando a nossa vocação de comunhão e fraternidade.

Esta esperança de um mundo novo, transformado pela *«mística de viver juntos»* (EG 87), não é uma esperança inconsistente ou vazia, mas a certeza de que o Espírito Santo promove a comunhão e unidade e nos desafia a ser, no mundo e para o mundo, testemunhas da comunhão: *«a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado»*. **in Voz Portuguesa**

+++++

No Domingo da Santíssima Trindade somos convidados pela Liturgia da Palavra a viver como artífices da comunhão e da unidade. A Igreja é Povo de Deus reunido na unidade do Pai, Filho e Espírito Santo (LG 4) e, por isso, chamada a testemunhar esta comunhão de amor. Deste modo, ao celebrar esta solenidade, cada família

e cada comunidade cristã são desafiadas a renovar o seu compromisso de ser testemunhas da alegria da comunhão e da beleza de caminhar juntos. No contexto desta celebração, podem ser apresentadas alguns desafios concretos e ações de saída missionária que em família ou em comunidade se podem levar a cabo para que a comunhão e unidade que somos chamados a testemunhar não sejam apenas um conjunto de boas intenções, mas uma realidade concreta na vida e na missão de cada batizado. *in Voz Portucalense*

+++++

**Já no Tempo Comum, hoje Solenidade da Santíssima Trindade**, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -**, **acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

**Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas.** Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

## **LEITURA I – Provérbios 8,22-31**

**Leitura do Livro dos Provérbios**

**Eis o que diz a Sabedoria de Deus:**

**«O Senhor me criou como primícias da sua actividade,  
antes das suas obras mais antigas.**

**Desde a eternidade fui formada,  
desde o princípio, antes das origens da terra.**

**Antes de existirem os abismos e de brotarem as fontes das águas,  
já eu tinha sido concebida.**

**Antes de se implantarem as montanhas e as colinas,  
já eu tinha nascido;**

**ainda o Senhor não tinha feito a terra e os campos,  
nem os primeiros elementos do mundo.**

**Quando Ele consolidava os céus,  
eu estava presente;**

**Quando traçava sobre o abismo a linha do horizonte,  
quando condensava as nuvens nas alturas,**

**quando fortalecia as fontes dos abismos,  
quando impunha ao mar os seus limites**

**para que as águas não ultrapassassem o seu termo,  
quando lançava os fundamentos da terra,**

**eu estava a seu lado como arquitecto,  
cheia de júbilo, dia após dia,**

**deleitando-me continuamente na sua presença.**

**Deleitava-me sobre a face da terra**

**e as minhas delícias eram estar com os filhos dos homens».**

## **CONTEXTO:**

O Livro dos Provérbios apresenta uma coleção de “ditos”, de “sentenças”, de “máximas”, de “provérbios” (“mashal”), onde se cristaliza o resultado da reflexão e da experiência (“sabedoria”) dos “sábios” antigos (israelitas e alguns não israelitas), empenhados em definir as regras para viver bem, para ter êxito, para ser feliz. Alguns dos materiais aí apresentados podem ser do séc. X a. C.; outros, no entanto, são bem mais recentes. O texto que nos é hoje proposto faz parte de um bloco de “instruções” e “advertências” que vai de 1,8 a 9,6. Trata-se da parte mais recente do “Livro dos Provérbios” (segundo os especialistas, não pode ser anterior ao séc. IV ou III a. C.).

O capítulo 8 do “Livro dos Provérbios” (do qual é retirado o texto que hoje nos é proposto) apresenta-nos um discurso posto na boca da própria “sabedoria”, como se ela fosse uma pessoa: trata-se de um artifício literário, através do qual o autor pretende dar força e intensidade dramática ao convite que ele lança no sentido de acolher e amar a “sabedoria”. Na primeira parte desse discurso (vers. 1-11), o autor apresenta o “púlpito” de onde a “sabedoria” vai discursar (o cume das montanhas, a encruzilhada dos caminhos, as entradas das cidades, os

umbrais das casas), os destinatários da mensagem (todos os homens) e apela à escuta das palavras que ela vai pronunciar; na segunda parte (vers. 12-21), o autor apresenta as “credenciais” da “sabedoria” (ela possui a ciência, a reflexão, o conselho, a equidade, a força) e o prêmio reservado àqueles que a acolhem; na terceira parte (vers. 8,22-31) – que é a que nos interessa diretamente – o autor reflete sobre a origem da sabedoria e a sua função no plano de Deus. *in Dehoniano*

## **ACTUALIZAÇÃO**

Ter em conta, na reflexão, os seguintes desenvolvimentos:

- A referência ao Deus que tudo criou para nós com sabedoria faz-nos pensar num Pai providente e cuidadoso, que tem um projeto bem definido para os homens e para o mundo. Contemplar a criação é descobrir, na beleza e na harmonia das obras criadas, esse Pai cheio de bondade e de amor. Somos capazes de nos sentirmos “provocados” pela criação de forma que, através dela, descubramos o amor e a bondade de Deus?

- Olhando para a obra de Deus, aprendemos que o homem não é um concorrente de Deus, nem Deus um adversário do homem. Ao homem compete reconhecer o poder e a grandeza de Deus e entregar-se, confiante, nas mãos desse Pai que tudo criou com cuidado e que tudo nos entrega com amor. Entregamo-nos nas mãos d’Ele, não como adversários, mas como crianças que confiam incondicionalmente no seu pai?

- O desenvolvimento desordenado e a exploração descontrolada dos recursos da natureza põem em causa a harmonia desse “mundo bom” que Deus criou e que nos confiou. Temos o direito de pôr em causa, por egoísmo, a obra de Deus?

- A contemplação da obra criada leva ao espanto e ao louvor. Somos capazes de nos extasiarmos diante das coisas que Deus nos oferece e de deixarmos que a nossa admiração se derrame em louvor e agradecimento? *in Dehonianos.*

## **SALMO RESPONSORIAL – Salmo 8**

**Refrão: Como sois grande em toda a terra,  
Senhor, nosso Deus!**

**Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos,  
a lua e as estrelas que lá colocastes,  
que é o homem para que Vos lembreis dele,  
o filho do homem para dele Vos ocupardes?  
Fizestes dele quase um ser divino,  
de honra e glória o coroastes;  
destes-lhes poder sobre a obra das vossas mãos,  
tudo submetestes a seus pés:  
Ovelhas e bois, todos os rebanhos,  
e até os animais selvagens,  
as aves do céu e os peixes do mar,  
tudo o que se move nos oceanos.**

## **LEITURA II – Romanos 5,1-5**

**Irmãos:**

**Tendo sido justificados pela fé,  
estamos em paz com Deus,  
por Nosso Senhor Jesus Cristo,  
pelo qual temos acesso, na fé,  
a esta graça em que permanecemos e nos gloriamos,  
apoiados na esperança da glória de Deus.  
Mais ainda, gloriamo-nos nas nossas tribulações,  
porque sabemos que a tribulação produz a constância,  
a constância a virtude sólida,  
a virtude sólida a esperança.  
Ora a esperança não engana,  
porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações  
pelo Espírito Santo que nos foi dado.**

## **CONTEXTO:**

Quando Paulo escreve aos romanos, está a terminar a sua terceira viagem missionária e prepara-se para partir para Jerusalém. Tinha terminado a sua missão no oriente (cf. Rom 15,19-20) e queria levar o Evangelho ao

ocidente. Sobretudo, Paulo aproveita a carta para contactar a comunidade de Roma e apresentar aos romanos e a todos os crentes os principais problemas que o ocupavam (entre os quais sobressaía a questão da unidade – um problema bem presente na comunidade de Roma, afetada por alguma dificuldade de relacionamento entre judeo-cristãos e pagano-cristãos). Estamos no ano 57 ou 58.

Paulo aproveita, então, para sublinhar que o Evangelho é a força que congrega e que salva todo o crente, sem distinção de judeu, grego ou romano. Depois de notar que todos os homens vivem mergulhados no pecado (cf. Rom 1,18-3,20), Paulo acentua que é a “justiça de Deus” que dá vida a todos sem distinção (cf. Rom 3,1-5,11). Neste texto, que a segunda leitura de hoje nos propõe, Paulo refere-se à ação de Deus, por Cristo e pelo Espírito, no sentido de “justificar” todo o homem. *in Dehonianos*.

## **ACTUALIZAÇÃO**

Para a reflexão da Palavra, considerar as seguintes coordenadas:

- Na Solenidade da Santíssima Trindade, somos convidados a contemplar o amor de um Deus que nunca desistiu dos homens e que sempre soube encontrar formas de vir ao nosso encontro, de fazer caminho connosco. Apesar de os homens insistirem, tantas vezes, no egoísmo, no orgulho, na autossuficiência, no pecado, Deus continua a amar e a fazer-nos propostas de vida. Trata-se de um amor gratuito e incondicional, que se traduz em dons não merecidos, mas que, uma vez acolhidos, nos conduzem à felicidade plena.

- A vinda de Jesus Cristo ao encontro dos homens é a expressão plena do amor de Deus e o sinal de que Deus não nos abandonou nem esqueceu, mas quis até partilhar connosco a precariedade e a fragilidade da nossa existência para nos mostrar como nos tornarmos “filhos de Deus” e herdeiros da vida em plenitude.

- A presença do Espírito acentua no nosso tempo – o tempo da Igreja – essa realidade de um Deus que continua presente e atuante, derramando o seu amor ao longo do caminho que dia a dia vamos percorrendo e impelindo-nos à renovação, à transformação, até chegarmos à vida plena do Homem Novo.

- Está em moda uma certa atitude de indiferença face a Deus, ao seu amor e às suas propostas. Em geral, os homens de hoje preocupam-se mais com os resultados da última jornada do campeonato de futebol, ou com as últimas peripécias da “telenovela das nove” do que com Deus ou com o seu amor. Não será tempo de redescobrirmos o Deus que nos ama, de reconhecermos o seu empenho em conduzir-nos rumo à felicidade plena e de aceitarmos essa proposta de caminho que Ele nos faz? *in Dehonianos*

## **EVANGELHO – João 16,12-15**

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João**

**Naquele tempo,**

**disse Jesus aos seus discípulos:**

**«Tenho ainda muitas coisas para vos dizer,  
mas não as podeis compreender agora.**

**Quando vier o Espírito da verdade,  
Ele vos guiará para a verdade plena;  
porque não falará de Si mesmo,  
mas dirá tudo o que tiver ouvido  
e vos anunciará o que está para vir.**

**Ele Me glorificará,  
porque receberá do que é meu  
e vo-lo anunciará.**

**Tudo o que o Pai tem é meu.**

**Por isso vos disse  
que Ele receberá do que é meu  
e vo-lo anunciará».**

## **CONTEXTO**

Estamos no contexto da última ceia e do discurso de despedida que antecede a “hora” de Jesus. Depois de constituir a comunidade do amor e do serviço (cf. Jo 13,1-17) e de apresentar o mandamento fundamental que deve dar corpo à vida dessa comunidade (cf. Jo 15,9-17), Jesus vai definir a missão da comunidade no mundo: testemunhar acerca de Jesus, com a ajuda do Espírito (cf. Jo 15,26-27). Jesus avisa, no entanto, que o caminho do testemunho deparará com a oposição decidida da religião estabelecida e dos poderes de morte que dominam o mundo (cf. Jo 16,1-4a); mas os discípulos contarão com o Espírito: Ele ajudá-los-á e dar-lhes-á segurança no meio da perseguição (cf. Jo 16,8-11). De resto, a comunidade em marcha pela história encontrar-se-á muitas vezes diante de circunstâncias históricas novas, diante das quais terá de tomar decisões práticas: também aí se verá a presença do Espírito, que ajudará a responder aos novos desafios e a interpretar as circunstâncias à luz da mensagem de Jesus (cf. Jo 16,12-15). *in Dehonianos*

## ACTUALIZAÇÃO

Considerar os seguintes desenvolvimentos:

- O Espírito aparece, aqui, como presença divina na caminhada da comunidade cristã, como essa realidade que potencia a fidelidade dinâmica dos crentes às propostas que o Pai, através de Jesus, fez aos homens. A Igreja de que fazemos parte tem sabido estar atenta, na sua caminhada histórica, às interpelações do Espírito? Ela tem procurado, com a ajuda do Espírito, captar a Palavra eterna de Jesus e deixar-se guiar por ela? Tem sabido, com a ajuda do Espírito, continuar em comunhão com Jesus? Tem-se esforçado, com a ajuda do Espírito, por responder às interpelações da história e por atualizar, face aos novos desafios que o mundo lhe coloca, a proposta de Jesus?

- Sobretudo, somos convidados a contemplar o mistério de um Deus que é amor e que, através do plano de salvação/libertação do Pai, tornado realidade viva e humana em Jesus, e continuado pelo Espírito presente na caminhada dos crentes, nos conduz para a vida plena do amor e da felicidade total – a vida do Homem Novo, a vida da comunhão e do amor em plenitude.

- A celebração da Solenidade da Trindade não pode ser a tentativa de compreender e decifrar essa estranha charada de “um em três”. Mas deve ser, sobretudo, a contemplação de um Deus que é amor e que é, portanto, comunidade. Dizer que há três pessoas em Deus, como há três pessoas numa família – pai, mãe e filho – é afirmar três deuses e é negar a fé; inversamente, dizer que o Pai, o Filho e o Espírito são três formas de apresentar o mesmo Deus, como três fotografias do mesmo rosto, é negar a distinção das três pessoas e é, também, negar a fé. A natureza divina de um Deus amor, de um Deus família, de um Deus comunidade, expressa-se na nossa linguagem imperfeita das três pessoas. O Deus família torna-se trindade de pessoas distintas, porém unidas. Chegamos aqui, temos de parar, porque a nossa linguagem finita e humana não consegue “dizer” o mistério de Deus.

- As nossas comunidades cristãs são, realmente, a expressão desse Deus que é amor e que é comunidade – onde a unidade significa amor verdadeiro, que respeita a identidade e a especificidade do outro, numa experiência verdadeira de amor, de partilha, de família, de comunidade? *in Dehonianos*.

### Para os leitores:

A **primeira leitura** é marcada por um tom poético, carregado de imagens e simbolismo, que exige uma acurada preparação para uma melhor compreensão do texto.

Quer a **primeira**, quer a **segunda leitura**, são constituídas por frases longas com diversas orações que exigem atenção às pausas e à respiração, para uma melhor articulação do texto e uma mais eficaz proclamação.

**I Leitura: (ver anexo)**

**II Leitura: (ver anexo)**